

## REFERENDO DO DESARMAMENTO: A FORMAÇÃO DISCURSIVA CIENTÍFICA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS.

**Douglas Zampar<sup>1</sup>; Milena de Moraes Dias Durval<sup>2</sup>; Edson Carlos Romualdo<sup>3</sup>**

**RESUMO:** O Referendo do Desarmamento, realizado em 2005, apresentava como objetivo decidir a permanência ou não do artigo 35 do Estatuto do Desarmamento. O artigo em questão proibia o comércio de armas e munição em todo o território nacional e foi questionado por ferir o direito constitucional à legítima defesa. A mídia nacional foi tomada pelas propagandas das frentes Pró Legítima Defesa e Brasil Sem Armas, que eram, respectivamente, contra e a favor à proibição. O presente texto apresenta um estudo feito sobre o recorte do Horário Gratuito para a Propaganda Eleitoral televisiva (HGPE/TV) de ambas as frentes, e mobiliza dois conceitos da Análise do Discurso de Linha Francesa para analisar os sentidos produzidos nas propagandas: regularidade discursiva e Formação Discursiva (FD). Temos como objetivo mostrar como as mesmas estratégias são utilizadas pelos dois grupos produzindo, no entanto, sentidos diferentes. Pudemos constatar que tanto o discurso de autoridade quanto a veiculação de pesquisas foram estratégias regulares na FD Científica dos dois grupos, entretanto os sentidos produzidos eram diferentes devido ao posicionamento favorável ou contrário em relação à pergunta levantada pelo referendo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação Discursiva; HGPE/TV; Produção de Sentido; Referendo do Desarmamento; Regularidade Discursiva.

### INTRODUÇÃO

Em 2003 entra em vigor o Estatuto do Desarmamento, com o objetivo de retirar o máximo de armas possíveis das mãos da população. Entretanto, durante a aprovação do estatuto uma polêmica se criou em torno do Artigo 35, que proibia o comércio de armas e munição em todo o território nacional. Contra o artigo em questão foi levantado o fato de que feria o direito constitucional à legítima defesa. A população foi chamada para decidir a permanência ou não do artigo através do primeiro referendo brasileiro, realizado em 2005: o Referendo do Desarmamento.

Em função do Referendo, dois grupos foram criados: a Frente Pró Legítima Defesa, que defendia o Não ao desarmamento, e a Frente Brasil Sem Armas, que dizia Sim ao desarmamento. Os dois grupos tomaram o espaço midiático nacional com propagandas veiculadas em diferentes meios de comunicação, como televisão, rádio e internet. Cientes do poder que a mídia televisiva exerce sobre a população, optamos por recortar as propagandas veiculadas pelo Horário Gratuito para a Propaganda Eleitoral televisiva

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Letras. Departamento de Letras. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq-FA-UEM. douglaszampar@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR. milena37873@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Docente da UEM. Departamento de Letras. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR. ecomualdo@uol.com.br

(HGPE-TV) para um estudo norteado pela teoria da Análise do Discurso (AD) de linha francesa.

Nosso esforço consiste em olhar para a Formação Discursiva (FD) Científica presente nas propagandas de ambas as Frentes, estudando como acontece a produção de sentidos. Temos como objetivo mostrar que as mesmas estratégias são utilizadas por ambas as propagandas, entretanto os sentidos produzidos são diferentes.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

O presente trabalho tem como *corpus* as transcrições das propagandas do Referendo do Desarmamento veiculadas pelo HGPE/TV. As transcrições foram feitas pela acadêmica Milena de Moraes Dias Durval, que participou do projeto de ensino Banco de Dados Midiáticos (processo 286/2003 - UEM), atualmente incorporado ao Grupo de Pesquisas de Mídia e Política (GEPOMI). A acadêmica estudou as propagandas do Sim, mostrando a existência de quatro FDs: FD Humana, FD Científica, FD Cidadã e FD Social. Em seguida, o projeto que dá origem a este texto estudou as propagandas do Não, mostrando que as FDs principais são as mesmas presentes nas propagandas do Sim.

Utilizamos como base teórico-metodológica a AD de linha francesa e mobilizamos dois conceitos teóricos principais: a noção de regularidade discursiva e a de FD.

Silva (2006) dedica-se ao estudo das regularidades discursivas das propagandas do HGPE/TV do segundo turno das eleições para prefeito de Maringá – PR realizadas em 2004. A autora considera regularidades discursivas “os enunciados e as estratégias discursivas que se repetiram ou atuaram de forma constante e significativa nos programas eleitorais dos candidatos. (p. 16)”. A partir desta afirmação, definimos as regularidades da FD Científica levantando quais eram suas estratégias mais recorrentes.

Charaudeau e Maingueneau (2004), ao apresentarem o verbete FD, mostram que o conceito foi introduzido por Foucault e reformulado por Pêcheux no quadro da AD. Em função dessa dupla origem, conversa uma grande instabilidade. Os autores apontam também que é com Pêcheux que essa noção é acolhida na AD. Para Orlandi (2001, p. 43), embora seja polêmica, a noção de FD é básica na AD, “pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”.

Para a clara compreensão do conceito de FD, é preciso que se compreenda a noção de formação ideológica, pois, como afirma Fernandes (2005:480) “Uma formação discursiva revela formações ideológicas que a integram”. Pêcheux (1988) afirma que a ideologia, através do hábito (memória discursiva), permite que saibamos o papel de cada indivíduo na sociedade e quais comportamentos se esperam dele. Dentro do universo discursivo, as palavras e enunciados estão incessantemente atravessados por ideologias. Assim, da mesma forma que uma ideologia define o que um sujeito pode/deve fazer, ela define o que um sujeito pode/deve falar. A partir desta reflexão o autor afirma que “Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, [...] determina o que pode e deve ser dito.” (Pêcheux, 1988:160).

O recorte das FDs presentes nas propagandas é feito a partir do caráter interdiscursivo inerente ao conceito de FD. Mussalim (2001:125) afirma que como “uma Formação Ideológica coloca em relação necessariamente mais de uma força ideológica, uma formação discursiva sempre colocará em jogo mais de um discurso”. Assim, é no entrecruzamento dos discursos que percebemos a existência de uma FD.

Por fim, a respeito da produção de sentidos, Pêcheux (1988) afirma que os sentidos das palavras não são inerentes a elas, eles serão definidos discursivamente pelo jogo de formações ideológicas no qual os enunciados se inserem. Assim, uma mesma palavra pode ter seu sentido alterado quando enunciada a partir de uma ou outra FD; uma

mesma idéia pode ser representada por enunciados diferentes a partir de diferentes FDs; e enunciados diferentes podem ter, dentro de uma FD, o mesmo significado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A Formação Discursiva científica entrecruza o discurso das propagandas com o discurso do universo científico. Duas regularidades foram levantadas como constituintes desta FD: o discurso das pesquisas e o das autoridades. As pesquisas aparecem nas propagandas pelo uso de números, porcentagens e gráficos. O discurso de autoridades traz a fala de sujeitos autorizados pelo conhecimento profissional, como médicos, delegados e juizes, além de divulgar informações retiradas de meios de comunicação conhecidos como jornais e revistas de grande circulação e prestígio.

As propagandas do Não apresentam as armas divididas em duas categorias: as armas que estão nas mãos da população de bem e as armas que estão com a criminalidade.

Através do discurso autorizado o Não afirma que as armas que estão com a população não são problemáticas, uma vez que são utilizadas para proteção. Esta afirmação vem pela fala do delegado de Paraibuna, uma cidade do interior, José de Araújo Filho, quando afirma que os habitantes precisam das armas para defender suas propriedades. Assim também uma reportagem do jornal Zero Hora mostra produtores rurais que precisam das armas para se defenderem, e que teriam grandes problemas com o desarmamento pois os assaltantes de sua região tem grande facilidade para importar armas ilegais do Uruguai.

Quanto às armas ilegais, o Não faz duas afirmações: 1) elas são as responsáveis pelos crimes praticados com armas de fogo, destacando os homicídios; 2) elas não serão atingidas pelo desarmamento.

A voz autorizada do Cirurgião Geral João Maria da Cruz, um médico experiente, é apresentada afirmando que os pacientes que ele recebe são sempre vítimas de armas ilegais, nas mãos de criminosos. Ainda mostrando que a arma que comete crimes é a arma ilegal, o Não apresenta o Promotor da Justiça de São Paulo, Dr. Rubens Rodrigues, que afirma que 99% dos crimes que ele acompanhou foram cometidos com armas ilegais. O discurso da revista Veja é trazido a público para afirmar que as armas vendidas legalmente são em número muito menor do que as armas que ilegalmente vão para as mãos dos criminosos.

O Jornalista Wellington Oliveira é um participante recorrente das propagandas do Não. Seus trinta anos de experiência conferem ao seu discurso um efeito de verdade. É o jornalista quem entra em cena para afirmar que o desarmamento não desarma criminoso. Para isto, destaca a afirmação veiculada na propaganda do Sim de que o objetivo do desarmamento não é desarmar os criminosos, mas sim a população de bem, e enfatiza também o fato de que ninguém contou o número de armas que estão nas mãos dos bandidos, além de questionar a leitura feita pelo Sim de que o desarmamento está diminuindo o número de mortes, uma vez que o número de mortes está caindo de forma geral no Brasil.

A mensagem mais recorrente apresentada nas propagandas, que se respalda nas outras que já foram apresentadas, pode ser resumida na seguinte frase, constantemente repetida: “Desarmar a população não é a solução”. Além dos argumentos destacados acima, é trazido o exemplo da Inglaterra, onde a proibição das armas aumentou os números da violência.

O último sentido construído pelas propagandas do Não consiste no esforço em desacreditar a campanha do Sim. A principal regularidade a ser destacada é a presença do Jornalista Wellington Oliveira cuja experiência é chamada para lhe conferir o direito de explicar os dados veiculados pelas propagandas do Sim. O jornalista trazia números

contraditórios veiculados pela Frente Brasil Sem Armas, bem como resultados de pesquisas que, dentro do discurso do Não, ganhavam novos significados. Com estas informações, produzia sentidos afirmando que as falas do Sim não eram verdadeiras, mas manipuladas, e que, portanto, a população deveria acreditar apenas nas palavras do Não.

A maioria dos enunciados constituintes da FD Científica do Sim produzem o sentido de que as armas que estão com o crime já foram legais. A estratégia utilizada na construção deste sentido é também o discurso de autoridades. Dados retirados de pesquisas são veiculados, mas apresentados por um juiz que fez a pesquisa ou por um jornal/revista importante que veiculou as informações. Podemos citar como exemplo a fala do Cel. José Vicente da Silva Filho, que aparece afirmando que a maioria dos homicídios cometidos no Brasil fazem uso do revolver trinta e oito, produzido em grande quantidade no Brasil. Esta regularidade afirma que as armas produzidas aqui no Brasil e vendidas em lojas vão para as mãos da criminalidade e acabam sendo usadas para cometer crimes.

A FD Discursiva na Frente Brasil Sem Armas afirmava que a arma é um sinal de morte. Autoridades, como delegados, médicos e professores, são mostradas afirmando que a arma está sempre associada a morte, seja pela ilusão de proteção que ela oferece, e que na verdade significa um aumento do risco de morte em assalto; seja pela possibilidade de uma morte acidental causada pela arma. As pesquisas também são uma estratégia utilizada, pois mostram o alto número de mortos por arma de fogo no País.

O Sim afirmava também que diminuir o número de armas significava diminuir a violência. Para tanto, falas como a da Inspetora da Polícia Civil Marina Menegassi eram destacadas, e apresentavam o resultado do desarmamento voluntário que já estava acontecendo e que, segundo o discurso da Frente Brasil Sem Armas, representava já uma diminuição dos números da violência.

## CONCLUSÃO

O estudo das FDs presentes nas propagandas do Referendo do Desarmamento nos permite um resgate das formações ideológicas que permeiam os discursos de ambas as frentes. Este caminho propicia uma reflexão sobre como as Formações Ideológicas que permeavam os discursos atuam fazendo com que uma mesma estratégia, uma mesma regularidade seja mobilizada pelos dois grupos produzindo sentidos deferentes.

A regularidade mais recorrente dentro da formação discursiva tanto do Sim quanto do Não foi o uso do discurso de autoridade. Ambas as Frentes trouxeram médicos, membros da polícia, promotores de justiça para defenderem suas posições. Também a voz de revistas e jornais de circulação nacional foi utilizada pelas frentes, sendo que cada uma trazia a público os meios de comunicação que defendiam o seu ponto de vista.

Pesquisas também foram veiculadas pelos dois grupos, entretanto, o enfoque a um ou outro dado específico, a interpretação apresentada ou mesmo o uso de pesquisas diferentes permitiu que os grupos produzissem sentidos diversos.

## REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

SILVA, V. L. **As regularidades discursivas de sujeitos políticos no horário gratuito de propaganda eleitoral (HGPE/TV), nas eleições/2004 de Maringá**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, 2006.